

**Autor:**

João Pedro Fernandes de Melo  
[up201706878@edu.letras.up.pt](mailto:up201706878@edu.letras.up.pt)

**Título:**

VISÕES DA FORTUNA NA MORTE DE ARTUR INGLESA: DA CULPABILIZAÇÃO À DECADÊNCIA

**Resumo:**

Este artigo oferece uma interpretação da morte de Artur na matéria inglesa à luz daquilo que foi um dos movimentos mais notáveis do final da idade média: o *contemptus mundi*. Prestando especial atenção à importância do pecado e da redenção, bem como à natureza providencialista na *Alliterative Morte Arthure*, *Stanzaic Morte Arthure* e *Le Morte Arthure* de Mallory, procuramos, através de uma abordagem comparativista, demonstrar que uma visão formada pela religiosidade do período tornava-se incompatível com a matéria arturiana anterior, passando a salvação para o domínio da intervenção de terceiros e da mercê divina. A este nível, a roda da fortuna apresentada nos sonhos de Artur é tanto um instrumento explicativo como condenatório, salientando os pecados e a futilidade do mundo, enquanto reforça a natureza cíclica e arbitrária do domínio terreno. Em suma, o presente artigo visa demonstrar a presença da corrente do *contemptus mundi*, a sua importância e de que forma esta altera o significado da narrativa da morte de Artur inglesa dos séculos XIV-XV.

**Palavras-chave:**

Fortuna, Condenação, Rei Artur, *contemptus mundi*, Pecado

**Abstract:**

The aim of the present article is to shed some light on the matter of the English “Death of Arthur” through the lens of the *contemptus mundi* rhetoric which it espouses. To this end, we will scrutinize the importance of sin as well as the providential nature within the *Alliterative Morte Arthure*, *Stanzaic Morte Arthure* and *Mallory’s Le Morte Arthure* through a comparative analysis. Thus, we demonstrate that there is a clear worldview mainly formed through a new form of religiosity that progressively clashed with the Arthurian themes that preceded it, through the means of shifting the domain of salvation to the intervention of third-party prayers as well as Divine Mercy. The widespread image of the wheel of fortune, which is reiterated in the three texts, is also a uniquely powerful device in this rhetoric, reinforcing the sins of Arthur and the cyclical and apparently arbitrary nature of earthly dominion. In conclusion, this article will attempt to demonstrate the presence of the *contemptus mundi* within these Death of Arthur texts and how this defines the narrative in regards to a new moral scheme of the XIV<sup>th</sup>-XV<sup>th</sup> century.

**Keywords:**

Fortune, Condemnation, King Arthur, *contemptus mundi*, Sin

**Plano:**

A Representação da Fortuna na *Stanzaic Morte Arthure* e em Mallory

Conclusão

**Como citar este artigo:**

João Pedro Fernandes de Melo, «Visões da Fortuna na *Morte de Artur* inglesa: da culpabilização à decadência», *Guarecer. Revista Electrónica de Estudos Medievais*, n.º 7, 2022, pp. 33-54.

DOI: <https://doi.org/10.21747/21839301/gua7a3>

## VISÕES DA FORTUNA NA MORTE DE ARTUR INGLESA: DA CULPABILIZAÇÃO À DECADÊNCIA

João Pedro Fernandes de Melo  
SMELPS/IF - FCT

A partir de Geoffrey Monmouth, no século XII, os textos da morte de Artur têm sido objeto de contenda, inspirando desde um messianismo latente, até relatos mais sóbrios da sua morte e julgamentos díspares relativamente ao monarca, sendo que nos séculos XIV-XV já está bastante assente a atitude de culpabilização de Artur. Igualmente pouco estudados e conhecidos são os textos ingleses da Morte de Artur, entenda-se a *Alliterative Morte Arthure*, *Stanzaic Morte Arthure* e a *Morte Arthure*, de Mallory, todos do século XIV-XV, sobejamente conhecidos no ambiente inglês e profundamente conhecedores da matéria anterior.

Todavia, e antes de nos aventurarmos no mais conhecido mundo arturiano, devemos oferecer uma definição daquilo que consideramos ser fundamental para entender o sistema moral por trás das versões inglesas da Morte de Artur: o *contemptus mundi*. Diversos autores estudaram os seus aspetos mais díspares, desde as *danças da morte* até aos *trunfos da morte*. Aquilo que tencionamos oferecer aqui é apenas uma síntese tendo por base três dos principais contribuidores para o seu estudo: Phillipe Ariès, Jean Delumeau e Jacques Le Goff. Os estudos de Ariès e Delumeau incidem especialmente na contextualização do aparecimento de representações de uma morte violenta, cruel e grotesca associada ao medo do julgamento individual e à exortação ao abandono do mundo<sup>1</sup>, todos em parte consequência da criação da ideia de um espaço de julgamento médio que tomaria a forma convencional de purgatório<sup>2</sup>, que pressupõe um sofrimento temporário das penas infernais. Por sua vez, Ariès considera que a ideia de um julgamento pessoal está relacionada com a crescente popularidade das *Artes Moriendi*, que culminam nas representações “realistas do corpo”, opondo-se à

---

<sup>1</sup> O mundo na matéria moral inglesa tardo-medieval tem significados diversos, por vezes representa o coletivo das preocupações mundanas, outras vezes apresenta-se como o mundo sensível ou dos sentidos onde se encontram os pecados e tentações, e por outras é um sinónimo do Diabo. Todavia pode-se considerar comum que o mundo representa o local de consumação de todos os pecados e coloca-se em oposição ao espiritual. O abandono do mundo entende-se como o voltar da alma para o espiritual.

<sup>2</sup> Goff (1981, p. 255).

tradicional imagem do corpo incorrupto desprovido de pecado<sup>3</sup>. Delumeau relaciona a origem deste movimento de “autocrítica”<sup>4</sup> e de desprezo pelo mundo com a crescente preocupação com a salvação pessoal por intermédio de terceiros, instigada pela crescente *Devotio Moderna* a partir do século XIV<sup>5</sup>. É de notar, contudo, que essa preocupação é anterior e, já no séc. XII, encontramos obras profundamente imersas no *contemptus mundi* bebendo da fonte dos livros sapienciais, de Santo Agostinho e das muito divulgadas imagens e descrições alegóricas das *Rodas da Fortuna*<sup>6</sup>.

Deveras, as Rodas da Fortuna são das alegorias mais populares, assim como representativas da temática da transitoriedade, procurando oferecer um sentido específico ao desenvolvimento histórico e pessoal de cada um através da caprichosa figura da Fortuna. É de notar que a própria alegoria da Fortuna é razoavelmente diferente de acordo com o contexto, apresentando-se quer como uma figura amoral, quer como executora do castigo divino, parecendo-nos ser esta última a que comparece na matéria aqui abordada. A Roda da Fortuna que nos propomos tratar é aquela que Artur vê num sonho após iniciar a sua conquista de Itália, tendo aceitado levar o seu exército a Roma para ser coroado Imperador. O sonho então havido é, em si, apontado pelos seus filósofos como profético e a sua conclusão é em igual medida esclarecedora e condenatória: «Ere thee repentes full rathe all thy rewth workes. / Man, amend thy mood, ere thou mishappen, / And meekly ask mercy for meed of thy soul.»<sup>7</sup> O julgamento do sonho é claro, e o destino ainda não está definido. Daí ele ainda ter a oportunidade de se arrepender antes do «mishappen», Mesmo que Deus não altere o destino, Artur tem ainda a oportunidade beneficiar da misericórdia divina.

O conteúdo do sonho<sup>8</sup> é igualmente decisivo. Artur encontra-se num campo de batalha onde lobos, leões e porcos se alimentam dos cadáveres dos seus cavaleiros; assustado, o rei foge para uma floresta paradisíaca onde encontra uma roda rodeada por oito figuras, seis destas caídas tentando subir e duas que ainda não tinham subido e que aguardavam a sua vez. Embora não se apresente neste trabalho uma análise profunda de cada figura, a personagem do filósofo aponta para estas como os *Nove da*

---

<sup>3</sup> Ariès (1977, p. 133).

<sup>4</sup> Lida de Malkiel (1983, pp. 107-115). Maria Rosa Lida oferece também uma extraordinária análise da temática da fama e consequentemente do desprezo pela fama mundana e apesar de essencialmente o considerar um fenómeno do clero, demonstra uma linha clara de evolução desde a patrística até à esfera aristocrática no contexto castelhano. Porém, quando atentamos ao ambiente inglês, parece que a tendência não se desenvolveu só no sentido de sobrevivência à morte pela Fama, mas também numa atitude profundamente autocrítica e de submissão perante a morte.

<sup>5</sup> Delumeau (1981, pp. 9-13, 23).

<sup>6</sup> Cirilla, (2015, pp. 6-7).

<sup>7</sup> *Alliterative Morte Arthure* (Benson, ed. 1994, vv. 3453-3455). Trad: “Antes de vos arrependerdes completamente por todas as vossas lamentáveis obras./ Homem, emendai a vossa paixão (sentimentos fortes), antes que haja um infortúnio, / E pedi mansamente a misericórdia pela vossa alma.”

<sup>8</sup> *Alliterative Morte Arthure* (Benson, ed. 1994, vv. 3222-3456).

*Fama*<sup>9</sup>, com Carlos Magno e Godofredo de Bulhão a aguardar o seu tempo para subir ao alto da roda. Apesar de Artur não conseguir reconhecer estas figuras, a sua incapacidade de compreender os avisos angustiados destas só pode ser visto como uma incompreensão fundamental da fortuna, achando-se intocável e ignorando os avisos e sinais de perigo em volta dele<sup>10</sup>. Por sua vez, a Dama Fortuna convida Artur a sentar-se no cimo – comportando-se como uma amada perante o amante, capaz de produzir feitos sobrenaturais, mas fundamentalmente semelhante:

Then sho went to the well by the wood eves,  
That all welled of wine and wonderlich runnes,  
Caught up a cup-full and covered it fair;  
Sho bade me derelich draw and drink to herselven;  
And thus sho led me about the lenghe of an hour,  
With all liking and love that any lede sholde<sup>11</sup>

Ao considerarmos a opinião de Heinz Goller, que entende o poema como repleto de situações irónicas, trocadilhos e de um humor negro flagrante, então a figura da Fortuna e o contexto do sonho são aspetos essenciais dessa atitude crítica<sup>12</sup> que deriva

---

<sup>9</sup> *Alliterative Morte Arthure* (Benson, ed. 1994, vv. 3415-3340) Pela ordem que aparecem: Alexandre, Heitor de Troia, Julius César, Judas Macabeu, Josué, David, Carlos Magno e Godofredo. Artur ocupa neste esquema um lugar antes de Carlos Magno e Godofredo mas sabe já que a ascensão destes está prevista ou predestinada.

<sup>10</sup> Trata-se de um tema comum na matéria moral como exemplificado no *Libro de los gatos / fabulas* de Odo de Chérítion. Isto é especialmente visível na história Galtar, um cavaleiro que procura a felicidade. Encontrando uma viúva, rica Galtar oferece-se para casar com ela, mas quando chega ao leito vê que este é coabitado por vários animais como: leões, lobos, cobras e vermes. Assustado, ele inquire-a acerca da letalidade destes e a donzela responde: «Si» Dixo ella : Aqueste oso te há de matar. No se si sera la primera noche o a cabo de un anno, o a cabo de diez, o por ventura viveras mas. El lobo e los gujanos e llas serpientes te han de tragar a tu, e atodas tus cosas.». Simbolicamente estas histórias são muito próximas opondo a beleza e deleite do momento ao perigo subjacente a estes, todavia Galtar foge desta cama e da mulher, enquanto Artur sobe para a sua roda. *Libro de los Gatos* (Darbord, Bernard, ed. 1984, p. 86-89.)

<sup>11</sup> *Alliterative Morte Arthure* (Benson, ed. 1994, vv. 3376-3381). A citação exemplifica como Ela [Fortuna] deleita Artur no seu Jardim com diversos aspetos paradisíacos como um poço que produzia vinho. Todo o ambiente anteriormente descrito do jardim belo, acolhedor e acima de tudo abundante, Neste caso, o essencial é que a Fortuna coloca todo o jardim à disposição de Artur e do seu deleite, satisfazendo todos os seus apetites durante uma hora.

<sup>12</sup> As causas concretas para esta atitude mais crítica não são propriamente conhecidas mas existem algumas hipóteses desde a influência da matéria francesa, até ao crescente rigor moral que se havia propagado no século XV por via das ordens mendicantes. A crítica aos grandes personagens do passado não era nova, já o *Decasibus* de Boccaccio demonstrava uma tendência de crítica aos grandes e aos seus impérios, atribuindo-lhes a queda às falhas morais. No século XV, esta obra foi traduzida para Inglês pelo poeta da corte John Lydgate que explica o carácter moral da Fortuna nas seguintes palavras: «For fals fortune which turneth as a ball/off unwar changes thowh men her will atwitte./ It is not she that pryncis gaff the fall, but vycious lyvyng, pleynli to endite (...)» *Fall of Prynces* (Bergen, ed. 1923, vv. 43-46). Conforme vemos nesta introdução de Lydgate ao seu segundo livro não é a fortuna que gera a queda mas sim os homens, que pelos seus maus costumes trazem a variabilidade da fortuna sobre si. Independentemente da transmissão, é certo que a Fortuna foi um tema central da literatura medieval inglesa com contributos tanto de Lydgate, como de Hoccleve ou Walter Map, já numa cronologia mais

no sentido de uma exposição bastante literal acerca do pecado<sup>13</sup>. Quando a Fortuna altera a sua disposição para com Artur, ela mesma proclama que o virar da roda é uma ordem de Cristo que a criou – o que, dado o caráter central da Fortuna na ordem do mundo, lhe aufere um cariz moral fundamental.

But at the mid-day full even all her mood changed,  
And made much menace with marvelous wordes.  
When I cried upon her, she cast down her browes:  
“King, thou carpes for nought, by Crist that me made!  
For thou shall lose this laik and thy life after;  
Thou has lived in delite and lordshippes ynow!”  
About sho whirles the wheel and whirles me under,  
Til all my quarters that while were quasht all to peces,  
And with that chair my chin was chopped in sonder;  
And I have shivered for chele senn me this chaunce happened.  
Thus wakened I, iwis, all wery fordremed,  
And now wot thou my wo; worde as thee likes.<sup>14</sup>

Apesar da seriedade da situação, é possível que exista aqui um cunho de ironia, pois qualquer recetor medieval da matéria que fosse conhecedor de teatros morais ou de qualquer outra matéria semelhante, veria aqui em Artur um personagem ignorante e completamente desarticulado da moralidade vigente. Ideia recorrente ao longo de todo o poema onde Artur frequentemente se sobrepõe ou compara a Deus<sup>15</sup>.

Neste caso, a Fortuna que altera a sua disposição nada mais é do que a justa transição do *ter* para o *não ter*, matéria recorrente nos livros sapienciais do *Antigo Testamento* que formam a base do *contemptus mundi*, já que tanto *Job* como *Ecclesiastes*<sup>16</sup> claramente apontam para os caprichos inconscientes e amorais da Fortuna. Contudo, aqui na *Alliterative*, e na matéria medieval mais alargada, esta é um

---

primitiva. Cf. *The Regiment of Princes* (Blyth, ed. 1999, vv. 17-23, 1135-1141, 1394-1340) e *De Nugis Curialum* (James, ed. 1983, p. 5.)

<sup>13</sup> Goller (1994, p. 24).

<sup>14</sup> *Alliterative Morte Arthure* (Benson, ed. 1994, vv. 3382-3393). Trad: Mas quando o meio dia chegou, toda a sua disposição se alterou./ E fez grandes ameaças com espantosas palavras./ Quando eu a contestei ela franziu:/ « Rei, contestais por nada, por Cristo que me fez! / Pois perdereis isto e a vossa vida depois; / Vivestes em deleite e conhecestes senhorio! Ela roda a sua roda [roda da fortuna] e coloca-me em baixo/ Até as minhas pernas serem esmagadas por esta [roda] / E por esta cadeira foi a minha espinha cortada; / E eu tremi de frio desde este acontecimento./ Desta forma eu acordei, eu estava completamente exausto pois tinha sonhado, / Agora sabeis o meu sofrimento, falai como vos aprouver.

<sup>15</sup> *Alliterative Morte Arthure* (Benson, ed. 1994b, vv. 255-256) – Por exemplo, quando Roma envia embaixadores a Artur pedindo misericórdia pela graça de Deus, Artur responde que a dá mas pela sua própria graça.

<sup>16</sup> Ecc. 9:11. - «Voltei-me e vi debaixo do Sol / Que não é aos céleres que a corrida <pertence> ; / Nem aos fortes <pertence> a guerra / Nem aos sábios, o pão; / Nem aos compreensivos, a riqueza; / Nem aos inteligentes, a beleza; / Porque tempo e destino acontecerão a todos eles». Por sua vez, o Livro de Job opera numa lógica de Fortuna em que se passa da abundância para a miséria e para a abundância novamente.

agente moral subordinado, tomando também o papel de *mors*, uma representação antropomórfica da morte geralmente mais associada às *danças da morte*, que são matéria entroncada nos encontros dos vivos com os mortos, ou a temas do macabro, que se haviam propagado nos períodos finais da Idade Média. A queda destes reis não passa necessariamente pela queda das suas fortunas materiais – verdadeiramente, em termos de bens físicos, todos estes morrem em abundância –, sendo que a sua queda é antes espiritual, e só se conclui na morte e condenação.

A verdadeira fortuna aqui é a conquistada no julgamento após a morte e não a da terra. Portanto não é necessariamente apenas a figura Fortuna que está presente neste poema, mas também uma “*mors*” que vem pelo pecado. Mesmo os animais que se alimentam dos corpos dos cavaleiros de Artur são deliberados – o leão representa o orgulho, o lobo a cupidez e o porco a gula –<sup>17</sup>, sendo que todos estes, quando enquadrados nos textos de *contemptus mundi*, são os pecados aristocráticos<sup>18</sup>. São também estes os pecados que formam a crítica central de outro poema acerca da morte do mencionado rei, *The Awntyrs off Arthur*, em que estes excessos são claramente ilustrados<sup>19</sup>.

Regressando à temática da *Alliterative Morte Arthure* é essencial entender o papel que Mordred<sup>20</sup> e a sua traição tiveram na queda de Artur<sup>21</sup>. Dada a relutância de Mordred em aceitar a incumbência de regência do reino na *Alliterative Morte Arthure*, a traição que comete posteriormente parece ser movida pelo oportunismo<sup>22</sup>. Por outro lado a *Stanzaic* mostra Mordred mais como um usurpador genuíno, convocando cortes e utilizando os três leopardos de Inglaterra como as suas armas<sup>23</sup>. Porém, em ambos os casos Artur preserva alguma culpa: por um lado, ignora o pedido do seu sobrinho que não queria a regência e por outro lado, pairava o pecado da sua relação incestuosa com a sua própria irmã. A resposta de Artur à interpretação dos filósofos na *Alliterative* parece também confirmar alguma compreensão desta realidade, dado que o rei sai em fúria e rejeita a possibilidade de redenção que lhe é oferecida pelo seu encontro com Cradoke. Este peregrino era um antigo cavaleiro e membro da corte de Artur que, depois

---

<sup>17</sup> Hamel (1980, p. 7).

<sup>18</sup> Aqui recomendamos a leitura de Lyman (1981).

<sup>19</sup> *The Awntyrs off Arthur* (Hahn, ed. 1995, v. 265).

<sup>20</sup> O personagem de Mordred tem invariavelmente um papel fulcral na temática da *Morte Arthure* não obstante algumas mudanças. Mordred era sobrinho e por vezes filho de Artur concebido na própria irmã. Tendo assumido a regência do reino durante a última conquista de Artur, revolta-se e usurpa o trono inglês, aliando-se àqueles que estavam descontentes com Artur e o seu reinado.

<sup>21</sup> Mordred é sem dúvida um personagem complexo, o seu pecado e cobiça parecem evidentes, e poder-se-ia defender a posição de que os animais no sonho de Artur não são representativos dos seus próprios pecados, mas sim dos desejos de Mordred que literalmente se alimentam da vida dos seus cavaleiros. Porém a presença da temática da Fortuna e o seu significado parece à partida impossibilitar esta interpretação.

<sup>22</sup> *Alliterative Morte Arthure* (Benson, ed. 1994, vv. 678-687).

<sup>23</sup> Goller (1994, p. 24).

de renunciar à guerra, parte numa peregrinação em busca de perdão que Goller considera espelhar negativamente o juramento de conquistar Itália que os cavaleiros da Távola, à imagem de peregrinos fizeram sob o véu de Santa Verónica<sup>24</sup>. O juramento dos cavaleiros é, no entanto, uma triste ironia pois só a peregrinação verdadeira de Cradoke é que oferece uma hipótese verdadeira de salvação, desprezando as riquezas e indo em contrição até Roma enquanto Artur fazia a sua peregrinação de conquista. É certamente possível que a associação da falsa “peregrinação” de Artur não seja um acidente pois o homem peregrino no mundo é um tema relativamente comum para ilustrar a curta duração do homem na terra e por consequência a vacuidade das riquezas.

Tomando estas circunstâncias como base da obra *Alliterative Morte Arthure*, podemos então aceitar a opinião de Goller:

It is a typological admonishment at every monarch involved in war. Arthur, in his pride and arrogance, has raised the banner of the dragon, meaning war, and has shed the blood of the innocent. The philosopher tells him: 'Thow has schedde myche blode and schalkes distroyede, Sakeles, in cirquytrie<sup>25</sup>.

Esta corrente, que fazia de Artur um imperialista, não era necessariamente uma novidade em França ou na Escócia. Porém, um dos textos que produzem uma das imagens mais vívidas desta corrupção, é sem dúvida as *Awntyrs*, um poema do século XIV-XV inserido numa forte tradição simbólica de fusão do *contemptus mundi* com a matéria Arturiana, à qual junta críticas à ação política inglesa na Guerra dos Cem Anos<sup>26</sup>, referências à sua política fronteiriça com a Escócia<sup>27</sup> e alusões ainda à *Alliterative Morte Arthure*. É, deste modo, um texto que serve também como um “espelho de príncipes” e que procura transmitir uma mensagem política bastante clara.

### **A Representação da Fortuna na *Stanzaic Morte Arthure* e em Mallory**

As outras duas grandes fontes contemporâneas, no ambiente inglês, acerca da morte de Artur são, todavia, ainda mais complexas. Tanto a *Stanzaic Morte Arthure* como a de Mallory, que utilizou e recorreu à primeira, demonstram um mundo Arturiano em desagregação e num processo de decadência muito mais demorado. No entanto, estas mesmas representações recorrem às mesmas visões e, numa fase

---

<sup>24</sup> Segundo Goller (1994, p. 29): «At the beginning of the poem, Arthur's knights all swear by the vernicle, the kerchief of St Veronica, that they will wage war in Italy and kill Lucius. Obviously there is a connection between Italy and St Veronica's veil because it was displayed in St Peter's at Rome. At the same time, the vernicle was the symbol of those who made the pilgrimage to Rome. The overt irony of the vernicle motif lies in the fact that Arthur's knights all swear a sacred oath, as if they were going on a pilgrimage, but their true intent is slaughter».

<sup>25</sup> Goller (1994, p. 36).

<sup>26</sup> Breeze (2018, pp. 12-27).

<sup>27</sup> Schiff (2009, pp. 613-622).

posterior, aos mesmos acontecimentos, embora num contexto drasticamente diferente e de um julgamento tornado muito mais complexo. Isto deve-se ao papel predominante de Lancelot ao longo destas duas narrativas, onde tanto as suas proezas como as tragédias que se vão semeando por onde este passa poderiam denunciar de sua falibilidade, um defeito característico da sua cavalaria que ele e os outros são incapazes de ver, e ele mesmo incapaz de superar, até testemunhar a morte de Artur e a dissolução da Távola Redonda.

Mas nesta narrativa, não é só Lancelot o culpado. O Rei Artur e Gawaine apresentam-se também como principais responsáveis pela deflagração e o prolongamento de uma guerra civil que assolaria o reino. A queda tem, portanto, não como primeira causa a invasão do Imperador Lúcio, pois, ao contrário das outras duas narrativas, esse já se encontrava derrotado, mas sim a infidelidade de Lancelot e Gwynyvere e o incesto de Artur – que havia gerado Mordred com sua irmã. No entanto, poderia dizer-se que, ao longo da narrativa de Mallory, o pecado equaciona-se diretamente com o que seria uma “má decisão” política. Simultaneamente, desde a morte de Merlin, no Livro IV<sup>28</sup>, as narrativas acerca do destino parecem tornar-se secundárias e, chegando ao último livro, Artur não ouve, nem segue, aquilo que seriam visões dadas por Deus<sup>29</sup>. Existe, assim, um percurso de Artur traçado em Mallory que inclui, na história do que virá a ser a sua queda, vários outros livros acerca dos seus feitos e ascensão que oferecem um contraste narrativo muito forte com as partes finais do livro.

É evidente que o percurso da figura de Artur está traçado desde o seu nascimento secreto até à ascensão ao trono, em parte através do papel mistagógico de Merlin<sup>30</sup>. Apesar de este último ser apelidado de “filho do demónio”, ele parece ser o único capaz de interpretar e aligeirar a execução da vontade de Deus de forma sistemática. Deveras, quando Artur se encontra na guerra contra os onze reis, é Merlin que o aconselha. Porém, os seus conselhos devem ser entendidos como provindo de alguma revelação divina pois, quando chega o fim da batalha e Artur decide investir através do rio, o seu feiticeiro avisa:

Thou hast never done! Hast thou not done enough? of three score thousand this day hast thou left alive but fifteen thousand, and it is time to say Ho! For God is wroth with thee, that thou wilt never have done; for yonder eleven kings at this time will not be overthrown, but an thou tarry on them any longer, thy fortune will turn and they shall increase<sup>31</sup>.

---

<sup>28</sup> *Le Morte d'Arthur* (Pollard, ed. 1903, p. 106).

<sup>29</sup> *Le Morte d'Arthur* (Pollard, ed. 1903, p. 727).

<sup>30</sup> *Le Morte d'Arthur* (Pollard, ed. 1903, pp. 36-40).

<sup>31</sup> *Le Morte d'Arthur* (Pollard, ed. 1903, p. 55). Na citação acima Merlin condena Artur por tentar perseguir um exército em fuga. Artur tendo matado em batalha quarenta e cinco mil homens, convida a fúria de Deus, o feiticeiro portanto avisa-o: se este permanecer para os perseguir, a sua fortuna virar-se-

Apesar de não haver a demonstração de um destino, existe, no mínimo, uma providência divina<sup>32</sup>, dado que, sem a intervenção de Deus, Artur seguiria com o seu ataque e, mesmo que bem sucedido, isso provavelmente traria efeitos nefastos quando o Rei Rience declarasse mais tarde guerra aos onze monarcas e a Artur. É também indubitável que dentro do esquema de Mallory, a acção tem uma importância tremenda, pois a “ira” de Deus implica necessariamente uma alternativa à predestinação.

Existem, porventura, algumas coincidências que poderíamos apontar como demasiado consideráveis para uma culpabilização de Artur. Exemplo disto é a sobrevivência de Mordred, pois Merlin avisa Artur do nascimento em Maio daquele que seria responsável pela sua queda, o que leva o Rei a tentar reunir todos os nascidos numa cena reminiscente da levada a cabo por Herodes em relação a Cristo<sup>33</sup>. Todavia, Mordred seria salvo por uma tempestade que mata todos os restantes, este acontecimento semearia muita da má reputação de Merlim, levando ao seu progressivo afastamento da corte e por fim à sua morte, assim privando Artur do seu mais sensato conselheiro. Porém, devemos ter em conta que Artur não é inocente, Mordred é filho do incesto do Rei com a própria irmã que, por sua vez, é constantemente apresentada como moralmente deplorável. A intenção de Artur de eliminar Mordred passa também por um propósito filicida<sup>34</sup>, revelando um Rei que, apesar de ainda estar no topo da *Roda da Fortuna*, não se compromete com Deus.

Esta atitude parece também ser sistemática, dado que Artur, aquando do interdito devido à intervenção de Gawain, não respeita as palavras do Papa na sua totalidade e continua a sua guerra<sup>35</sup>. Mesmo quando Artur decide finalmente acudir à visão transmitida por Gawain após a sua morte,<sup>36</sup> parece incapaz de entender o verdadeiro culpado<sup>37</sup>, enquanto Gawain, por seu lado, se arrepende e pede desculpa a Lancelot e a Deus<sup>38</sup>. Apesar de Artur saber que não deve partir para a batalha no dia seguinte, não

---

á e a deles aumentará. Neste caso, não só Artur desagradou a Deus com a sua matança, como Deus “ameaça” mudar a fortuna de Artur ainda num período precoce do reinado.

<sup>32</sup> Schaff (1890, p. 206). É, portanto, certo que Artur era favorecido por Deus, mas isto não requer nenhum carácter moral especial da parte dele: o próprio Santo Agostinho refere que Deus ajuda Roma não pela sua devoção ou bondade, mas por ser um mal menor.

<sup>33</sup> *Mateus*, 2:16-18.

<sup>34</sup> *Le Morte d'Arthur* (Pollard, ed. 1903, pp. 67-68).

<sup>35</sup> *Le Morte d'Arthur* (Pollard, ed. 1903, p. 708).

<sup>36</sup> *Le Morte d'Arthur* (Pollard, ed. 1903, p. 728). Gawain aparece a Artur num sonho levando consigo muitas donzelas resplandecentes e relata a Artur que a sua presença é por licença de Deus, que pelas orações dos outros e pelas batalhas justas foi salvo e autorizado a avisar Artur.

<sup>37</sup> *Le Morte d'Arthur* (Pollard, ed. 1903, p. 727). A visão tida por Artur é bastante clara: este está sentado num trono preso à roda da fortuna, e debaixo deste serpentes e dragões aguardam-no num lago negro. Abordaremos o conteúdo desta visão posteriormente. É só após esta visão que Artur terá a visão de Gawain que lhe oferece uma alternativa na forma da contrição e paz.

<sup>38</sup> *Le Morte d'Arthur* (Pollard, ed. 1903, p. 726).

fez a reflexão como Gawain, não praticou contrição, nem entendeu que a origem de todos estes conflitos se encontrava nos seus pecados. Artur estava ainda limitado ao domínio político, mas este não lhe pode oferecer salvação. Existe, portanto, um inerente desconhecimento moral de Artur que, enquanto permanece, o torna incapaz de «(...) fordo well destiny.»<sup>39</sup> Será por não chegar ao esclarecimento moral que Artur será obrigado a travar uma batalha devido a uma serpente que ataca durante as negociações, obrigando um cavaleiro a desembainhar a espada durante o encontro diplomático<sup>40</sup>. Embora a serpente possa ser apontada como simbólica da traição de Mordred, assim como da divisão do reino<sup>41</sup>, a associação da serpente ao pecado original e a Satanás, potencialmente poderia apontar para esta como alguma forma de alegoria do orgulho.

Contudo, uma associação diferente poderia lembrar-nos que a serpente que foge do homem nu (sem pecado)<sup>42</sup>, mas ataca aquele que está vestido (no mundo), ilustra que o culminar do mundo arturiano havia sido a carnalidade, enquanto o tema redenção será encerrado com a devoção de Lancelot na parte final da obra quando este aceita a vida monástica<sup>43</sup>.

Ironicamente, seria Lancelot a apresentar-se como exemplo positivo, tornando-se os pecados do mesmo com Gwynyvere, de alguma forma, diluídos, perante aos pecados mais gravosos cometidos por Gawaine e Artur. A infidelidade caracterizada pela fraqueza da carne dá lugar à ira de Gawain e de Artur contra Lancelot e Gwynyvere, respetivamente. Aqueles, por sua vez, negam a Lancelot o perdão que ele pede, mesmo depois de Lancelot mostrar ser superior nas armas<sup>44</sup>. Ou seja, após estarem à mercê de Lancelot, que os confronta contra a sua vontade, não desistem da guerra. O cavaleiro perfeito rapidamente entende o seu pecado e tenta obter o perdão, sendo que o perdão passa da figura de Artur para Deus – do mundano para o espiritual –, acentuando a

---

<sup>39</sup> *Le Morte d'Arthur* (Pollard, ed. 1903, p. 106).

<sup>40</sup> *Le Morte d'Arthur* (Pollard, ed. 1903, p. 729).

<sup>41</sup> Gn 3:15. A associação da serpente com a divisão e animosidade é menos frequente, mas pode ser feita a partir do episódio do *Génesis*. Não só a serpente é responsável pelo afastamento da humanidade de Deus, como está condenada a morder o calcanhar à geração de Eva. Na história do *Génesis*, o morder o calcanhar é o pecado e tentação, que é combatido pelo ferir da cabeça da serpente (luta contra o pecado) pela geração de Eva. Esta ideia da serpente divisora da sociedade existe também fora do ambiente estritamente religioso, como na obra de Lydgate intitulada *The Serpent of Division*, uma curta narrativa que explora os efeitos nefastos da divisão social através do exemplo de César.

<sup>42</sup> Gn 3:9-15. Lembramos que no *Génesis* o homem, após comer da árvore, reconhece que está nu e procura esconder-se de Deus. O cavaleiro é mordido no pé e desembainha a espada para matar a serpente. Uma interpretação possível seria que este ato que desencadeia a batalha e o obriga a simbolicamente voltar-se para o mundo ativo sem conseguir matar a serpente simboliza a incapacidade de eliminar / anular os próprios pecados. Também neste caso os cavaleiros estão provavelmente de armadura dado que estavam, não obstante o tratado, prontos para a batalha. Podemos fazer um paralelo entre todos estes aspetos e o *Génesis*, onde o homem nu e desprotegido é prova da sua inocência e pureza.

<sup>43</sup> *Le Morte d'Arthur* (Pollard, ed. 1903, pp. 737-738).

<sup>44</sup> *Le Morte d'Arthur* (Pollard, ed. 1903, pp. 720-721).

mudança para um esquema de hierarquia vertical no qual Artur se torna o verdadeiro traidor. Ao chegar à contrição perante Deus, Lancelot atinge o seu estado mais sublime e é também neste estado que morre já monge<sup>45</sup>. Um contraste, sem dúvida, com Artur, que morre devido ao atraso e ganância de Bedivere que se recusa por duas vezes a atirar Excalibur à água, impedindo assim Artur de ir para Avalon, tema que a própria Dama do Lago comenta dizendo que o rei esteve demasiado tempo sem ser tratado<sup>46</sup>.

Ora, apesar de Bedivere não conhecer o poder da espada, é certo que o seu dever perante o seu senhor era obedecer-lhe, tanto que Artur em Mallory diz claramente:

Ah, traitor untrue, said King Arthur, now hast thou betrayed me twice. Who would have weened that, thou that hast been to me so lief and dear? and thou art named a noble knight, and would betray me for the richness of the sword<sup>47</sup>.

A morte de Artur é tanto consequência da sua vaidade e orgulho como da ganância de Bedivere, ainda que o cavaleiro atinja alguma forma de redenção através de uma vida ascética em procura de penitência junto ao túmulo do rei<sup>48</sup>. Portanto, a dualidade entre Artur e Lancelot parece existir, sob a forma de um bom arrependimento (de Lancelot) e um falso arrependimento (de Artur) que, apesar de capaz de ter a salvação, não o faz da forma apropriada ou atempada e, portanto, sofre uma “má morte”. Neste domínio, o objeto central de julgamento não é necessariamente a Providência, mas sim o “merecimento”, pois Artur não merece a salvação e enfrenta as consequências de não ter a providência divina do seu lado.

Desta forma, ilustra-se que Artur, como monarca e como cavaleiro, estava num processo indubitável de decadência física e moral, processo ainda mais visível no início da *Stanzaic* que se inicia com Gwynyvere dizendo que as façanhas do próprio e dos seus cavaleiros tinham terminado e que a sua corte se esvaziava daqueles capazes de serem cavaleiros corajosos:

Til on a time that it befell  
The king in bed lay by the queen;  
Of aunders they began to tell,  
Many that in that land had been:  
«Sir, yif that it were your will,  
Of a wonder thing I wolde you mene,  
How that your court beginneth to spill  
Of doughty knightes all bydene;»

«Sir, your honour beginnes to fall,  
That wont was wide in world to sprede,  
Of Launcelot and other all,

---

<sup>45</sup> *Le Morte d'Arthur* (Pollard, ed. 1903, pp. 730-740).

<sup>46</sup> *Le Morte d'Arthur* (Pollard, ed. 1903, p. 732): «(...) Why have ye tarried so long from me? Alas, this wound on your head hath caught over-much cold».

<sup>47</sup> *Le Morte d'Arthur* (Pollard, ed. 1903, p. 731).

<sup>48</sup> *Le Morte d'Arthur* (Pollard, ed. 1903, p. 733).

That ever so doughty were in deed.  
(...)»<sup>49</sup>

É interessante de notar que, embora a *Stanzaic* como Mallory tenham subjacente a mesma noção de decadência, a inclusão dos restantes livros na *Morte d'Arthur* de Thomas Mallory parece dar uma força muito maior à queda colocando-a após a demanda do Santo Graal. Existe assim uma narrativa transversal que culmina na ideia de um reino já em decadência, o próprio Artur em Mallory já tem noventa e dois anos, e segundo Goller já demonstra os sinais de fraqueza e inatividade que levam à sua loucura.<sup>50</sup> Uma situação não dissemelhante daquela que se confirma na *Stanzaic*, onde Gwynyvere se encontra na cama com Artur. Porém, como Goller aponta, Gwynyvere na *Stanzaic* tem um caráter traiçoeiro, enquanto Mallory a desculpabiliza fazendo Artur ter relações extraconjugais. Todavia, se considerarmos alguns dos comentários de Mallory acerca da natureza daqueles que se juntaram a Mordred, assim como ao estado do Reino em geral, a situação parece ser mais complexa:

For then was the common voice among them that with Arthur was none other life but war and strife, and with Sir Mordred was great joy and bliss. Thus was Sir Arthur depraved, and evil said of. And many there were that King Arthur had made up of nought, and given them lands, might not then say him a good word. (...) for he that was the most king and knight of the world, and most loved the fellowship of noble knights, and by him they were all upholden, now might not these Englishmen hold them content with him. Lo thus was the old custom and usage of this land; and also men say that we of this land have not yet lost nor forgotten that custom and usage. Alas, this is a great default of us Englishmen, for there may no thing please us no term<sup>51</sup>.

Apesar de o próprio Mallory reconhecer a virtude de Artur, ele refere-se a este último no passado, o que pode ser interpretado não só como Mallory a falar do futuro acerca do passado histórico, mas sim como um contraste entre o Artur da morte e o Artur cavaleiro do passado. De qualquer forma, os receios dos ingleses acerca da guerra não se encontram só na versão de Mallory. O texto das *Awntyrs* tem como ponto central as guerras expansionistas de Artur como causa do duelo da segunda parte. É, portanto, uma crítica recorrente à política do monarca que pode ter como causa as semelhanças evidentes entre as campanhas de Artur em França e a Guerra dos Cem Anos. A este nível, Mordred pode apresentar-se como uma opção diferente capaz de terminar o

---

<sup>49</sup> *Stanzaic Morte Arthure* (Benson, ed. 1994, vv. 17-28). Trad: Até que certo dia chegou / Em que o rei [Artur] estava deitado com a rainha; [Gwynyvere] / Das aventuras começou a contar, / Daqueles que haviam sido nessas terras: «Senhor, se for essa a vossa vontade, / Uma coisa espantosa vos? direi,/ Como na vossa corte começam a faltar / Cavaleiros fortes e corajosos;» «Senhor a vossa honra começa a decair, / Aquilo que era reconhecido por todo o mundo, / De Lancelote e todos os outros/ Que sempre foram corajosos em feito/ (...)»

<sup>50</sup> Goller (1994, p. 50).

<sup>51</sup> *Le Morte d'Arthur* (Pollard, ed. 1903, p. 724).

“ciclo” de guerras constantes do mundo Arturiano em que toda a paz é seguida inevitavelmente por uma nova batalha, onde se pode ganhar honra ou glória. Neste ambiente tenso de guerra constante, é talvez irónico que seja durante a negociação de paz que a batalha é desencadeada após o ataque de uma serpente.

Abordamos anterior e sucintamente o tema da serpente e da providência. Contudo, cremos que a temática em si se prende fortemente com o destino. E este, por sua vez, assenta na culpabilidade de Artur. Porém, apesar das provas consideráveis para a sua condenação, cremos que existe ainda uma temática central que não pode ser omitida: o caso das duas visões de origem divina, uma em que Artur cai da *Roda da Fortuna* e outra em que se dá a aparição de Gawain. Aquilo que desejamos salientar é que ambas as visões acontecem após o arrependimento e morte de Gawain; e a segunda não deixa dúvidas de que se concretiza por intercessão do cavaleiro defunto e pela misericórdia de Deus. No tocante aos textos, as descrições são exatamente iguais, Artur encontra-se sentado num trono em cima da Roda da Fortuna e olha para baixo, vendo dentro de um poço profundo repleto de serpentes e bichos que o devorarão assim que ele cair da roda. A visão segundo a *Stanzaic*:

At night when Arthur was brought in bed  
(He sholde have batail upon the morrow),  
In stronge swevenes he was bestedde,  
That many a man that day sholde have sorrow,  
Him thought he sat in gold all cledde,  
As he was comely king with crown,  
Upon a wheel that full wide spredde,  
And all his knightes to him boun.

(...)

He looked down upon the ground;  
A black water there under him he see,  
With dragons fele there lay unbound,  
That no man durst them nighe nigh.

He was wonder ferde to fall  
Among the fendes there that fought.  
The wheel over-turned there with-all  
And everich by a limm him caught.<sup>52</sup>

(...)

A visão segundo Mallory:

---

<sup>52</sup> *Stanzaic Morte Arthure* (Benson, ed. 1994, vv. 3168-3187). Trad: Durante a noite quando Artur estava na cama/(Pois teria Batalha durante a manhã), / Por estranhos sonhos foi vencido, / Que muitos homens teriam amanhã tristeza, / Ele pensava que estava sentado coberto de ouro / Que era um rei belo com coroa, / Sobre a sua roda[Roda da Fortuna] estava sentado, / E todos os seus cavaleiros junto a ele. / (...) Olhou para o chão abaixo; / Uma água negra viu estar debaixo dele / Repleta de Dragões que lá jaziam livremente, / De tal forma que nenhum homem se poderia atrever a aproximar-se. / Ele grandemente temia a queda, / Entre aqueles que ali batalhavam. / A roda girou-os a todos / E todos [os dragões] um membro dele [de Artur] apresaram./ (...)

So upon Trinity Sunday at night, King Arthur dreamed a wonderful dream, and that was this: that him seemed he sat upon a chaflet in a chair, and the chair was fast to a wheel, and thereupon sat King Arthur in the richest cloth of gold that might be made; and the king thought there was under him, far from him, an hideous deep black water, and therein were all manner of serpents, and worms, and wild beasts, foul and horrible; and suddenly the king thought the wheel turned up-so-down, and he fell among the serpents, and every beast took him by a limb; and then the king cried as he lay in his bed and slept<sup>53</sup>.

A este nível, a *Stanzaic* refere que estes são dragões ao passo que Malory lhes chama serpentes, vermes e animais selvagens. Não temos dúvida em nenhum dos casos que tanto o dragão<sup>54</sup> como as serpentes têm associações bastantes claras com o pecado<sup>55</sup> e com o demónio, enquanto, como vimos, os animais selvagens podem ser os mesmos que haviam sido descritos na *Alliterative* e simbólicos dos pecados de Artur. Todavia, outra análise poderia levar-nos a recordar que as serpentes e os vermes são utilizados no *contemptus mundi* e no macabro enquanto representativos da morte e da perecibilidade, assim como da corrupção moral e física, reforçando ainda mais o seu estado decaído. Por outro lado, a visão no Domingo de Pentecostes acaba por remeter para Deus, demonstrando então uma mensagem e intenção clara: Artur subiu por Sua graça, e tudo o que sobe na Roda inevitavelmente cai quando a perde.

Apesar desta mensagem parecer contraditória com o carácter livre da acção humana, devemos lembrar-nos que nenhum homem é menos livre por se ter de sujeitar a *leis naturais*<sup>56</sup>. Semelhantemente, a lei da fortuna opera numa lógica de uma lei natural de Deus. É importante salvaguardar que, apesar da visão e da fortuna se encontrarem num patamar de lei natural, a decadência em si não tem uma forma necessária<sup>57</sup>. É verdade que Artur terá de morrer algum dia, porém a forma como morre, a forma da decadência do seu reino e o momento em que tal virá a suceder, podem ainda ser da sua autoria, apesar de Deus conhecer inevitavelmente o final<sup>58</sup>.

---

<sup>53</sup> *Le Morte d'Arthur* (Pollard, ed. 1903, p. 727).

<sup>54</sup> Interessante notar acerca do dragão é que este é utilizado para representar Artur no sonho que tem tanto na *Stanzaic* como em Mallory aquando da invasão do Imperador Lucius. No sonho, o dragão tem um combate violento com um javali gigante (Roma) que o fere antes de ser derrotado.

<sup>55</sup> Hamel (1980, p. 7).

<sup>56</sup> Fischer (1995, p. 10).

<sup>57</sup> McInerny (2022). Aqui, cabe a Artur aceitar o bem e a vontade de Deus para se livrar da queda. Artur não decide aquilo que deve e tem de fazer, mas é livre de decidir como fazê-lo dentro dos limites do que foi divinamente ordenado: «Of course man is not free to choose the good – any choice under the aspect of the good. And as to what it really is as opposed to only apparently his good, he is not free to make that what it is. He is, however, free to direct himself or not to his true end.»

<sup>58</sup> Hunt (2022). Ignorando os particulares das hipóteses que compatibilizariam o livre arbítrio com as profecias, devemos notar que no esquema de espiritualidade presente nestas obras existe uma pressuposição de livre arbítrio, pois só isso pode oferecer validade à importância dada à penitência e à contrição nestas obras.

Deus, porém, não se apresenta como um senhor cruel. Aliás, atentando em grande medida naquilo que era uma crença divulgada no séc. XIII<sup>59</sup> e bastante enraizada no séc. XIV acerca do purgatório<sup>60</sup>, do poder das orações e das intervenções extramundanas, Ele vai oferecer uma hipótese de salvação a Artur por meio de Gawain.

(...) Sir, said Sir Gawaine, all these be ladies for whom I have foughten when I was man living, and all these are those that I did battle for in righteous quarrel; and God hath given them that grace at their great prayer, because I did battle for them, that they should bring me hither unto you: thus much hath God given me leave, for to warn you of your death; for an ye fight as to-morn with Sir Mordred, as ye both have assigned, doubt ye not ye must be slain, and the most part of your people on both parties. And for the great grace and goodness that almighty Jesu hath unto you, and for pity of you, and many more other good men there shall be slain, God hath sent me to you of his special grace, to give you warning that in no wise ye do battle as tomorn, but that ye take a treaty for a month day; and proffer you largely, so as to-morn to be put in a delay. For within a month shall come Sir Launcelot with all his noble knights, and rescue you worshipfully, and slay Sir Mordred, and all that ever will hold with him. (...) <sup>61</sup>

Segundo aquilo que seria a vontade de Deus, esta é a última hipótese de salvação de Artur e possivelmente a única forma de este contornar aquilo que é a lei natural por intermédio da “graça especial” de Cristo. Graça esta que é comparada não só ao arrependimento de Gawain antes da morte, mas também às suas boas ações no mundo e às orações das damas, fruto do serviço prestado, que lhe permitem pedir a intervenção de Deus. Apesar do seu caráter quase providencial, deveríamos considerar que o próprio Artur não demonstrou a contrição necessária e avisou também os seus homens que se preparassem para traições e guerra<sup>62</sup>, demonstrando que estaria pelo menos ainda indeciso acerca da natureza da visão. Neste sentido, consideramos que Artur poderia dentro das circunstâncias tomar uma decisão diferente e, mesmo que o destino fosse semelhante, a sua vontade não seria determinada pelo desfecho dado à *lei natural* da fortuna<sup>63</sup>.

Dito isto, consideramos que a representação incide principalmente numa culpabilização de Artur, se bem que mais dissimulada e certamente menos crítica que a matéria anteriormente vista. Ao contrário do autor da *Alliterative*, em que a morte de Artur termina com uma «Here endes King Arthur»<sup>64</sup>, Mallory aborda a sua morte e

---

<sup>59</sup> Goff (1981, p. 159).

<sup>60</sup> Goff (1981, pp. 112-115, 135).

<sup>61</sup> *Le Morte d'Arthur* (Pollard, ed. 1903, pp. 727-728).

<sup>62</sup> *Le Morte d'Arthur* (Pollard, ed. 1903, p. 728): «And when Arthur should depart, he warned all his host that an they see any sword drawn: Look ye come on fiercely, and slay that traitor, Sir Mordred, for I in no wise trust him.»

<sup>63</sup> Cf. Nota 17.

<sup>64</sup> *Alliterative Morte Arthure* (Benson, ed. 1994, v. 4342).

retorno com um tom muito mais neutro<sup>65</sup>. Distancia-se de forma bastante clara do saudosismo e carácter messiânico de Artur e toma uma perspectiva muito mais seca e histórica pela qual reconhece que, quer este volte ou não, ele foi um agente importante na ordem do mundo. Esta perspectiva muito neutra parece inserir-se de forma impecável na complexidade dada à personagem de Artur ao longo do texto da sua morte, num elaborado esquema de pecados, traições e tragédias que o consomem.

## Conclusão

Consideramos assim ser seguro e necessário realçar a intertextualidade considerável da matéria Arturiana que era capaz de adquirir características mais típicas de textos morais, empregando-os numa crítica política ou então moral à figura de Artur. Esta crítica, por sua vez, assenta em preceitos progressivamente mais moralistas com uma condenação quase definida onde Artur se apresenta no geral incapaz de contornar as noções de uma condenação apriorística, que por sua vez é a causa da crescente relevância da misericórdia e penitência. Aspectos como a inevitabilidade do pecado, a importância da penitência e a ligação destes dois aspetos à variabilidade da fortuna parecem demonstrar que de facto havia-se desenvolvido uma forma de entender o mundo que contrastava e não era capaz de se articular com atitudes cavaleirescas antes louvadas. De facto, todas as versões parecem oferecer alguma variação da ideia de Destino ou Fortuna, sendo que em todas parece haver várias dimensões para cada acção. Primeiramente temos a acção terrestre, que por sua vez desencadeia uma reacção divina e que culmina, portanto, na morte. Dito isto, os eventos da morte já se tinham de alguma forma convencido de uma maneira mais ou menos inevitável: Mallory e a *Stanzaic* veem Mordred salvo ainda em criança por mão do destino, enquanto as *Awntyrs* são indubitavelmente proféticas e a *Alliterative* indubitavelmente crítica de Artur. Todos estes eventos demonstram que a queda de Artur já estava de alguma forma condicionada desde o início, por um lado existe uma tradição da *Morte Arthure* que tem de ser seguida, no entanto o carácter quase profético destes textos oferecem-lhe um sentido de inegável castigo divino, que no caso da *Alliterative* é dito abertamente por meio de Cradoke.

Como tentámos mostrar, existem ainda assim formas de articular este carácter definitivo quase apriorístico da condenação com uma liberdade do próprio Artur que seria necessária para se estabelecer a sua culpabilização. Por um lado, o carácter natural da Fortuna não se mostra sinónimo de pecado, a queda do poder não tem uma forma essencial dado que Deus oferece várias formas de contrição e reversão da situação atual

---

<sup>65</sup> *Le Morte d'Arthur* (Pollard, ed. 1903, p. 733) «Yet some men say in many parts of England that King Arthur is not dead, but had by the will of our Lord Jesu [been carried] into another place; and men say that he shall come again, and he shall win the holy cross. I will not say it shall be so, but rather I will say: here in this world he changed his life. But many men say that there is written upon his tomb this verse: *Hic jacet Arthurus, Rex quondam, Rexque futurus.*»

em todas as narrativas sendo, portanto, a forma da queda contingente. A este nível é dominante a incapacidade, por parte da figura de Artur, de se adequar àquilo que se esperava dos novos comportamentos associados ao julgamento mais individualizado – nomeadamente o reconhecimento do pecado individual e uma contrição plena, reconhecendo que só Deus e a sua misericórdia oferecem um potencial caminho para a salvação.

A importância desta contrição é visível na figura de Lancelot que pelas suas ações vive o resto da sua vida em arrependimento e alcança de forma definitiva a salvação. No entanto, Artur conhecia esta possibilidade, tendo sido avisado por meio do sonho e da indicação de Cradoke para ir em peregrinação pedir perdão, ideia que rejeita. A incapacidade de agir em reação às visões marca não só a *Vanitas* de Artur como a sua desobediência a Deus, tomando levemente o seu desagrado e tentando salvar o mundo terrestre sem se preparar para o subsequente. Daí que o final da *Alliterative*, onde o autor diz «Assim morre o Rei Artur», tenha um impacto considerável, eliminando, por um lado, a possibilidade do retorno de Avalon, enquanto, por outro, despe o monarca de todo o prestígio, conferindo-lhe uma dimensão exclusivamente terrena.

**Referências:**

**Fontes:**

Calado, Adelino de Almeida (ed. 1959), *Frei João Álvares. Cartas e Traduções*, Coimbra, *Acta Universitatis Conimbrigensis*, vol. 2.

Benson, Larry (ed. 1994), *Stanzaic Morte Arthure*, in *King Arthur's Death: The Middle English Stanzaic Morte Arthur and Alliterative Morte Arthure*, Michigan, Medieval Institute Publications.

URL: <https://d.lib.rochester.edu/teams/publication/benson-and-foster-king-arthurs-death>

Bergen, Henry (ed. 1923), *Lydgate's Fall of Princes*, Washington, The Carnegie Institution.

Blyth, Charles (ed. 1999), *The Regiment of Princes*, Michigan, Medieval Institute Publications

URL: <https://metseditions.org/editions/OpvW29kLS2y8IS316CVX5LfYvvVwIwLV>

Brown, Carleton (ed. 1939), *Religious Lyrics of the XVth Century*, Oxford, Clarendon Press.

Darbord, Bernard (ed. 1984), *Libro de los gatos*, Paris, Klincksieck,

Gryson, Roger (ed. 2010), *Biblia Sacra iuxta Vulgata versionem Stuttgart*, Stuttgart, Deutsche Bibelgesellschaft.

URL: [https://archive.org/details/vulgata\\_202009/mode/2up](https://archive.org/details/vulgata_202009/mode/2up)

Hahn, Thomas (ed. 1995), «Awntyrs off Arthur», in *Sir Gawain: Eleven Romances and Tales*. Michigan, Medieval Institute Publications.

URL: <https://d.lib.rochester.edu/teams/publication/hahn-sir-gawain>

James, M. R. (ed. 1983), *Walter Map. De Nugis Curialium; Courtiers' Trifles*, Oxford, Clarendon Press.

Lourenço, Frederico (trad. 2018), *Bíblia: Antigo Testamento: Os Livros Sapienciais*, Tomo I, Maia, Quetzal.

Morrison, Frederick Maclaurin (ed. 1984), *The Abbreviated Version of Ayala's Translation of the «Moralia» of St. Gregory the Great: Edition and Study*, Vol I-II, ProQuest Dissertations & Theses, University of Michigan. URL: <https://hdl.handle.net/2027.42/160391>

Pollard, A. W. (ed. 1903), *Thomas Mallory, Le Morte d'Arthur*, London / New York, Mc Millan.

URL: <https://archive.org/details/lemortedarthur00malorich/page/n7/mode/2up>

Rytting, Jenny Rebecca (ed. 2001), «A Disputacioun Betwyx þe Body and Wormes: a Translation», *Comitatus. A Journal of Medieval and Renaissance Studies*, 31/1, pp. 217-232. URL: <https://escholarship.org/uc/item/0c04p0xg>

Schaff, Philip (1890), *St. Augustine's City of God and Christian Doctrine*, New York, The Christian Literature Publishing Co.

URL: <http://www.ccel.org/ccel/schaff/npnf102.html>

### Estudos:

Ariès, Philippe (1977), *O Homem Perante a Morte*, Sintra, Europa América.

Bohne, Amanda (2012), «Be war be my wo. Gaynour and Her Mother in the Awnturs off Arthure», in Berit Åström, *The Absent Mother in the Cultural Imagination; Missing, Presumed Dead*, Palgrave, Macmillan.

Breeze, Andrew (2018), «Place-Names and Politics in The Awntyrs off Arthure», *Journal of Literary Onomastics*, 7/1, pp. 12-27.

URL: <https://soar.suny.edu/bitstream/handle/20.500.12648/2839/jlo/vol7/iss1/2/fulltext%20%281%29.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

Cirilla, Anthony (2015), «Ghostly Consolation: Awntyrs off Arthure as Boethian Memorial», *Enarratio. Journal of the Medieval Association of the Midwest*, 19, pp. 68-103. URL: <https://kb.osu.edu/server/api/core/bitstreams/fadb1fac-9562-5809-b832-52f3c3ffc67d/content>.

Corrie, Marilyn (2013), «God May Well Fordo Desteny: Dealing with Fate, Destiny, and Fortune in Sir Thomas Malory's *Le Morte Darthur* and Other Late Medieval Writing», *Studies in Philology*, 110/4, pp. 690-713.

Davenport, John J. (2007), «Augustine on Liberty of the Higher-Order Will: Answers to Hunt and Stump», in *Proceedings of the American Catholic Philosophical Association*, Vol. 81, Catholic University of America, pp. 67-89.

Delumeau, Jean (1981), *Sin and fear: the emergence of a Western guilt culture, 13th-18th centuries*, New York, St. Martin Press.

URL: <https://archive.org/details/sinfearemergence00delu/page/n3/mode/2up>

Fischer, John Martin (1995), *The Metaphysics of Free will. An Essay on Control*, Cambridge, (Massachusetts), Wiley-Blackwell

Fischer, John Martin & Todds, Patrick (2015), *Freedom, Fatalism and Foreknowledge*, Oxford University Press.

Goff, Jacques Le (1981), *O Nascimento do Purgatório*, Lisboa, Editorial Estampa.

- Goller, Karl Heinz (coord. 1994), *The Alliterative Morte Arthure: A Reassessment of the Poem*, Martlesham, Boydell & Brewer.
- Hamel, Mary (1980), «The Dream of a King: The Alliterative *Morte Arthure* and Dante», *The Chaucer Review*, 14/4, pp. 298-312.
- Haught, Leah (2010), «Ghostly Mothers and Fated Fathers: Gender and Genre in *The Awntyrs off Arthure*», *Arthuriana*, 20/1, pp.3-24.
- Kantorowicz, Ernst H. (2016), *The King's Two Bodies: A study in Medieval Political Theology*, (Pref. William Chester Jordan, Intr. Conrad Leyser), New Jersey, Princeton University Press.
- Lida de Malkiel, Maria Rosa (1983), *La Idea de La Fama en la Edad Media Castellana*, Madrid, Fondo de Cultura Económica.
- Lyman, Stanford M. (1984), *The Seven Deadly Sins: Society and Evil*, Lanham (Maryland), General Hall inc.
- McInerney, Ralph & O'Callaghan, John (2022), «Saint Thomas Aquinas. 12.2 Natural Law» in Edward N. Zalta (dir.), *The Stanford Encyclopaedia of Philosophy*. URL: <https://plato.stanford.edu/archives/fall2022/entries/aquinas/>
- Martin, Carl Grey (2010), «The Awntyrs off Arthure; an Economy of Pain», *Modern Philology*, 108/2, pp. 177-98.
- Phillips, Helen (1989), «The Ghost's Baptism in the *Awntyrs off Arthure*», *Medium Ævum*, 58/1, pp. 49–58.
- Rabaçal, Eduarda (2013), *Louvor e condenação da rainha Genevra no romance arturiano em prosa*, Porto, FLUP (Dissertação de Mestrado).
- Robinson, Michael (2014), «The *Awntyrs Off Arthure*: Barren Does and a Motherly Ghost as Authorial Agents of “Arthurial” Parable and Reform», *Criterion*, pp. 32-40.
- Roscoe, Brett (2014), «Reading the Diptych: *The Awntyrs off Arthure*, Medium, and Memory», *Arthuriana*, 24/1, pp. 49-65.
- Schiff, Randy P. (2009), «Borderland Subversions: Anti-Imperial Energies in *The Awntyrs off Arthure* and *Golagros and Gawane*», *Speculum*, 84/3, pp. 613-632.
- Hunt, David & Linda Zagzebski (2022) «Foreknowledge and Free Will. 2.2 God's knowledge of future contingent truths» in Edward N. Zalta (ed.), *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*. URL: <https://plato.stanford.edu/entries/free-will-foreknowledge/#toc>

Zawacki, Alexander J. (2017), «A Dark Mirror: Death and The Cadaver Tomb in *The Awntyrs off Arthure*», *Arthuriana*, 27/2, pp. 87–101.

URL: <http://www.jstor.org/stable/26443673>